



# O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Proprietária: Casa do Gaiato — Paço de Sousa  
Director e Editor: PADRE AMÉRICO

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa  
Vales de correio para Paço de Sousa AVENÇA — QUINZENÁRIO

24 DE MARÇO DE 1956  
Ano XIII — N.º 315 — Preço 1\$00

## Campanha dos Cinquenta mil

Eu era para não dizer mais nada, depois do que a este fim já disse, mas o Júlio acaba mesmo agora de sair do meu escritório, onde veio com um recado. Olhe a campanha. É preciso malhar. E eu cá estou. Esta carta que recebemos de Lisboa ajuda:

«Bem haja pois «O Gaiato», porque sabe interpretar e trazer de novo à luz das realidades, concretizar enfim, e factos palpáveis e demonstrativos da salutar doutrina do Mestre Jesus, aquele conteúdo de que estão cheios os seus Santos Evangelhos. Neles tem ele farta messe a espalhar por todos os famintos, do pão material e espiritual, que também não é de menos valia. Nunca ele para dar continuidade a tão nobre como generosa e caritativa missão; visto que a seara é grande e os obreiros para a cultivarem não abundam. Continue o jornal, a falar ao povo uma linguagem franca e leal que ele possa compreender, como o vem fazendo já, e esteja certo de que não lhe faltarão colaboradores, auxiliares e adeptos. Faça ele, com que a doutrina do Mestre Jesus seja compreendida, vivida e expurgada.

O Mestre Divino vela por todos nós e pode estar certo de que as Suas promessas não ficiarão palavra vã, como é vulgar acontecer entre os homens. Nada de confusões. A pureza do Seu viver, como a amplitude da Sua visão, no espaço e no tempo, se outras razões não houvesse, eram por si só elementos bastante convincentes da Sua perenidade e da Sua permanência entre nós; para nós incutir coragem, paciência e resignação no sofrimento, sempre amenizado pelo amor que devemos dedicar ao nosso semelhante, mórmente àquele a quem a cruz do seu calvário, tornou mais penosa a jornada desta vida. Essa cruz consiste sempre no progressivo resgate das faltas outrora cometidas e no consequente aperfeiçoamento das nossas almas para se tornarem dignas das amorosas bençãos do Senhor, que nos escuta e sabe o que merecemos.»

«Esteja certo de que não faltarão adeptos e colaboradores», é uma afirmação que muito me agrada ouvir.

Se a imprensa é púlpito e pode ser, desde que revele Deus e Cristo, venham. Venham escutar a sua palavra, deixando a oferta para que sejamos um púlpito maior com maior assistência.

## MENDIGOS

Eis uma das nossas chagas sociais. Não há freguesia por onde eles não deambulem. Têm dias certos e itinerários marcados. Falas humildes e de oração. Vestimenta só para esses dias, remendo sobre remendo. Fora disso, alguns trajam como qualquer cidadão. Em regra, trabalham toda a semana e guardam o domingo. Por vezes, descansam também à quinta-feira. Doentes ou sãos, deformados ou escorretos, verdadeiros ou falsos, manhãzinha cedo, fazem-se de longada. Vão até onde as pernas os levam, longe, bem longe. Alguns fogem ao trabalho, porque mendigar é mais leve e rendoso para quem perdeu a vergonha. Às vezes, são crianças que conduzem ceguinhos ou pedem para a mãe que já não pode, de doente, fazer a via-sacra pelas portas. Andam nesta vida negra longos anos. Aprendem atalhos e conhecem as casas esmoleres. Crescem, sem outro ofício. Morreu o ceguinho ou a mãe?... E continuam a mendigar, pela vida fora. Nasceram a mendigar e assim hão-de morrer estas crianças mendigas.

Se a pobreza foi tão amada de Cristo, a ponto de elevar a ideal evangélico voluntário, se nos disse que haveríamos de ter sempre pobres, não assim com a miséria. Esta é anti-cristã. É um pecado social. Lá fora, andou a guerra, qual tufão que tudo varreu e destruiu. Economias amealhadas, no rodar dos anos, tudo desapareceu na viagem dum instante. Para cúmulo, ficou tanta vez o homem diminuído nas suas faculdades de trabalho. Refazer situações, aldeias, cidades, é tarefa para longos anos. Parece, por isso, que essas populações flageladas pela guerra se lançariam na mendicância, mas não. Vi o espanto num brasileiro que, regressando de Roma, diplomado, e percorrendo a Alemanha, não encontrou senão dois mendigos (se é que o eram, pois não pediam esmola.) E a guerra tinha terminado havia pouco tempo.

Se não fosse tão fácil a vida de mendigos, muitos não a trocariam pela do trabalho. Porque a muitos válidos não se recusou a primeira esmola, é que

Continua na página três

## Agora

No Agora de hoje não temos casas; damos esclarecimentos. Aquele muito falado subsídio do Governo de cinco contos por unidade, na prática não existe. Nem metade. É que o avanço das construções excede as verbas concedidas. Exemplo: o ano anterior viu 250 moradias de pé; tendo sido a dotação de 600 contos, os senhores peguem no lápis e façam as contas. Este ano em que estamos e a julgar pelos começos, (já 55 casas a andar) a coisa vai ser pior pois que a dotação anunciada é de 500 contos, com um desconto de 10 por cento!

Ora tudo isto vem à tona para dizer a párocos e vicentinos que de maneira nenhuma se devem ater àquela importância e muito menos exigir, como alguns têm feito, — deixe cá ver os cinco contos do Ministro. Que cinco? De resto, o que interessa é ver pela iniciativa dos particulares. Desde a data em que os trabalhadores lançaram à terra as primeiras pedras, já deram a passar de oito mil contos, tal a força da semente. Oh profundidade do coração!

Trabalhem pois. Façam casas enquanto houver verdadeira necessidade.

O dinheiro para elas está mais perto do que julgam. Às vezes vem dum homem que mora fora da porta e nunca deu nada a ninguém. Quem havia de dizer que os apóstolos iriam buscar o dinheiro de César ao ventre de um peixe, quem? E foram. Estava lá! Quanto mais o que é de Deus. A profundidade das riquezas Celestes!

Nós precisamos de testemunhas de defesa, tais como o Senhor Bernardino Falcão, de quem fala hoje a Nota da Quinzena: tenho esta casinha de graça. E sem fornecer casinhas de graça a cada homem, nada feito. Homem concreto e total. Aquele homem. Aquela família. Humanidade é uma palavra.

## COLISEU

O Sejaquim já começou. Quando nós, os gaiatos, chegamos ao palco no dia da festa, já estamos todos fartinhos de festa; e eu mais do que ninguém porque estou velho e cansado e ainda sou pedra onde tudo bate.

O programa deste ano

## Património dos Pobres

Cascais. Estoril. Parede. S. Domingos de Rana. Oeiras. A invasão. Uma invasão de bárbaros na Costa do Sol. Não tem sido nada fácil. Os riscos da Urbanização costumam ser pouco flexíveis. Certas autoridades também julgam que o indigente é um ser à parte e como tal o tratam. Contudo e sobretudo por causa do zelo dos párocos e vicentinos, a presença de moradias naquelas terras é um facto.

Cascais já começou. A partir da igreja, anda-se um quarto de hora e elas ali estão. Começara por três. Já são nove, singelas e geminadas. Vão ser muitas mais. Aquando do primeiro grupo eu fui chamado a contribuir. Tornei a ser. Ainda mais uma vez e nunca disse que sim. Todos nós ouvimos da boca de régios convidados e enquanto duraram ali as festas dum casamento Real, todos ouvimos, sim, que fulana de tal ia dar uma casa e fulana outra e o turismo idem; Câmara também, e mais e mais e mais. De sorte que eu retirei-me e tenho andado pelas paupérrimas pro-

víncias de Trás-os-Montes e outras, onde o heroísmo do povo anda a par da sua pobreza. Tenho andado, mas ultimamente fui a Cascais. Pároco estava à espera. As casas são na verdade um apetite, grandes em espaço, luz e situação. Cada uma tem seu quintal, pedregoso, mas os habitantes estão decididos e na verdade colhem do áspero, trigo e flores. No fim assinei um cheque. A comissão tem dívidas. Oh Costa do Sol!

Duas camponesas de Sobrado de Valongo, como ao tempo aqui se disse, deram volta pela freguesia e na Páscoa entregam uma casa, a primeira. Amai o próximo é a placa. Que linda maneira de pregar os mandamentos da Lei de Deus! Quem ofereceu a placa fez o sermão. Prega o amor—amando. Outra vez duas simples camponesas de S. Martinho do Campo, que parte com Sobrado, levantaram a segunda casa e esta, para duas famílias, que também vai ser entregue na Páscoa. Casa Santa Isabel é a dedicatória.

## CALVÁRIO

É indirectamente que hoje se fala aqui do «Calvário» de Beire, pois que o de Caneças nos vai dar assunto. Sim. Digo bem. Em Caneças e Belas já existiam «calvários» antes de ter nascido aquele e muitos outros hão-de vir em breve. É a urgência que abrevia.

O espírito vicentino de um grupo de senhoras «sem nome» tem lançado a semente no Hospital do Régo. Os primeiros a recebê-la, são naturalmente médicos e enfermeiros. Eles desejariam fazer como elas, mas são outros os seus trabalhos, pelo que se regozijam e isto basta. Elas tomam conta do convalescente. Se mulher, vai

para Belas. Se homem, para Caneças. Que seja obra de doentes para doentes, no que diz respeito à mulher, facilmente se compreende; a mulher é doméstica. Mas que no caso dos homens tenha sido possível atingir-se uma quase perfeição, só quem estiver atento aos recursos da natureza e efeitos da caridade, de outra forma não compreende. A parte mais sedutora que prende à casa o padecente, é a ausência de regulamentos e a liberdade das ementas, as quais, mesmo que sejam mais pobres do que no hospital, são escolhidas e preparadas por eles; e isto é que dá sabor. O chefe, um deles, preside. Não dispensam os animais-mascote; em Caneças é um hácoro. Que barriga! Não sendo a casa de grande conforto nem a situação acertada, os doentes acham tudo muito bem e estão mais do que satisfeitos. Há ali idades, cores, profissões, credos; tudo ali cabe. Em lugares assim e com este subido espírito, podem comer do mesmo prato, o cão, o gato mai-lo rato. São vicentinas apagadas, sem nome nem nada!

Às vezes acontece que um doente vai-se embora por própria vontade. Chega perto e regressa. Que sucede? Nada. Sen-

Continua na página três

# AQUI, LISBOA!

O frio do mês de Fevereiro houve por bem gelar-nos as bicas dos tanques e queimar-nos a ramagem das laranjeiras, mas o que não conseguiu, foi secar a fonte da Caridade, nem a esperança de nova floração de virtudes na alma dos nossos Rapazes.

Nota-se entre eles um crescente interesse por todos os problemas da Casa. Na minha ausência de quase três semanas, tiveram ocasião de mostrar a que ponto se pode confiar neles e a veracidade do ousado adágio que sempre serviu de norma na Obra da Rua — **Obra de Rapazes**. O comando ficou nas mãos do Gouveia, um moço de dezoito anos, com cabeça de ferro, coração de oiro e pernas postigas. Disciplina, contas, distribuição de trabalho, encomenda de materiais de construção, mercearia, pagamento de operários, catequese, tribunais—tudo ele manobrou com acerto, sem ser preciso chamar a polícia nem agentes estranhos. Para mais, sem pernas, qualquer lhe podia fugir ou faltar ao respeito. Mas não.

Reunida a comunidade para que cada um apresentasse queixas, nem chefes nem subalternos tiveram alegações a fazer em desabono pelo que não foi preciso fazer justiça senão a Deus, erguendo-Lhe as mãos em Acção de Graças.

Quanto aos amigos da Casa, a temperatura muito longe de estacionar, tende sempre a aumentar. Começemos pelas igrejas.

Há muito que os vendedores de «O Gaiato», nos traziam recados de quem desejava saber quando é que principiavam os peditórios. Para muitos é a melhor oportunidade de cumprir promessas feitas, de ouvir o Evangelho com novas cores e perspectivas, pagar dívidas e mostrar o amor que têm ao Senhor.

Até agora apenas Arroios e S. Sebastião da Pedreira tiveram a dita de ouvir o elamor das pedras da Rua. Na primeira coube-me a honra de anunciar o Evangelho. Os ouvintes, além dos louvores íntimos que devem ter tributado ao Pai Celeste, manifestaram o seu regozijo nos oito mil escudos que deitaram na bandeja. Na outra igreja, foi o Padre Carlos a anunciar a Boa Nova. Do valor do orador e dos ouvintes falam os trinta e dois contos, incluído dez para o Calvário, e uma data de joias de elevado valor e estimação, que bem denotam o sentimento de muitos que se dispõem a renunciar às vaidades do mundo, em troca de valores eternos.

Dentro de pouco tempo caberá a vez a S. Domingos e a S. João de Deus. Outras igrejas hão-de abrírnos as portas também a seu tempo.

Passando dos templos às repartições e empresas, também há muito que passou o inverno, mantendo-se por agora uma temperatura primaveril.

Nestlé, Vacuum, Crédito Predial, C. Santos, Banco de Angola, de Portugal e Ultramarino, Serviços Médico-Sociais, Correios, Companhias de Seguro, Alfândega, Caixas e Ministérios, em toda a parte uma inexplicável onda de simpatia que humanamente não era de esperar. Isto quanto a ajudas materiais, empregos, e mais formas de ajuda. Só um dia tivemos pedidos de emprego para sete rapazes.

Quanto ao registo da nossa agenda, ela fala também eloquentemente, mesmo sem boca. Começa assim em Fevereiro: Pelo amor de Deus aqui está uma parte do primeiro ordenado de um novo engenheiro para uma casa. Eram mil escudos. No dia seguinte cem para os pobres da Curraleira. Ao tocar neles não posso passar além, sem estremecer. É que foi dada nova ordem de marcha aos que há seis meses tiveram de arrancar do Vale Escuro. Vamos assistir a novas tragédias, a menos que Alguém, no Terreiro do Paço, diga como Cristo na ocasião da multiplicação dos pães: Miserereor supra turbam. **Eu tenho dó dos miseráveis!** Estudantes do Técnico, vicentinos e as Pobres Irmãzinhas de Jesus, andamos todos alarmados. Não sei porque mão oculta, mas têm chegado vários donativos para a casa do Património, a construir em Fátima, para o noviciado das Irmãs de Jesus. Foi um cheque de cinco contos e vários vales de duzentos escudos. Nós tínhamos, de facto, intenção de as ajudar. Temos até já em mãos, a planta ultra-modesta da casinha que vai destoar de quantas moradias e de modernos prédios que ali estão a desvirtuar o espírito de penitência tão recomendado por Nossa Senhora. A casa delas ficará a dizer bem do seu espírito de renúncia às pompas do mundo. Quem quiser mandar uma pedrinha ou uma telha para esta casa do Património, aproveite agora a oportunidade. Duma figueirense 10; milho e farinhas para os nossos animais, proveniente do Tojal. Das Irmãs Dominicanas da Parede mil; 20 em acção de graças por intermédio do Padre Cruz. Na Junta Nacional do Vinho, a temperatura continua não de verão mas de incêndio. Assim o dizem os empregados com as suas visitas dominicais, de passagem para as caves de Bucelas, onde vão provar os golos do Camilo Alves e as cotas que mensalmente nos estão a enviar: em Janeiro 2.336\$, em Fevereiro 1.706\$20; 100 do Casal de Arroios. À porta duma igreja uma aliança de oiro trazida por um vendedor. Visitantes da Graça deixaram 200. O pessoal da Alfândega deixou 50. Uma linda estola e 50 dontra visita colectiva da LOC de S. Sebastião da Pedreira. Mais duas prestações para a Casa Avilez. Já vai a meio. No Banco 500 dum anónimo e 12 mil doutro; 250 do Crédito Predial; Nestlé 101\$ e Mobiloil 1.150 sendo para destacar sem desprimor para as restantes secções, a boa vontade dos empregados S. Amaro.

No dia de anos do Papa 500 para comemorar a data. De tantas provas de simpatia de que foi alvo, esta não deve ter sido das menos significativas, tanto mais que partiu das migalhas dum pobre para outros mais pobres; 120 de Sá da Bandeira; 50 do Lobito. 2.000 em retorno, de Avanca; 700 de promessa pela

Continua na quarta página

# Isto é a Casa do Gaiato

O «Formiga» cada vez vai dando mais que falar. Desde os tempos em que foi da capoeira, onde procedeu a uma instalação eléctrica, até ao dia de hoje, nas oficinas, o rapaz tem mostrado apetite e mesmo sofreguidão; quer saber. É um ocupado. Chega mesmo a exigências de ordem espiritual. Agora mesmo acaba de pedir ao Senhor Padre Carlos — *deixe-me ir para a sua doutrina*. Ora neste ponto é preciso dar uma explicação aos de fora porquanto esta variedade de doutrinas, só os da casa compreendem. É assim: *Sejaquim* tem uma doutrina. Carlitos tem outra e Senhor Padre Carlos outra. *Sejaquim* é sózinho. Carlitos tem por adjuntos *Banana* e *Formiga*. Senhor Padre Carlos também é sózinho. Ora «Formiga» parece que não deveria ter pedido a mudança, pois de adjunto que era passa agora a ser um simples aluno. Mas ele não olha a isso. Não compreende assim. Quer saber mais.

— x x —

A secção de expedição da nossa tipografia estava em riscos, se eu não tivesse posto a minha mão. São os papagaios. Começou um e no dia seguinte eram dúzias de miudos numa nuvem de estrelas! Resultado: papel efio a andar. Senhor Padre Carlos

deleita-se. Acha ele que as casas do gaiato foram criadas e devem ser alimentadas assim.

— x x —

Por «papagaio» basta o que cá temos, que se chama António e é natural de S. João da Madeira, futuro compositor mecânico. Este «papagaio» dá muito que falar. Volta e meia aí vem uma partidazinha. Ontem, apareceu ao café com a roupa do domingo e a sua mala. A malta quis saber e ele responde: *vou-me embora*. Tudo ficou assombrado. Que teria sido? Não foi nada. *Papagaio* antes que todos saíssem do refeitório, teve a habilidade de sair primeiro. Vai ao seu quarto, veste a roupa de semana e quando todos entram na oficina, já lá estava ele a trabalhar!

*Papagaio*, aos domingos, costuma espetar um alfinete nas costas do casaco e finca ali uma grande mosca encarnada. Aquilo vê-se de longe. Os visitantes avisam: *olha que trazes um bicho nas costas*. O rapaz aproxima-se delese pede que lho tirem: *tire-mo*. Eu também já cá!

— x x —

O Manuel Jorge tem recebido cartas a pedir preços e dar encomendas de pano crú. Gabo a ideia

## D O U T R I N A

É admirável e muito consolador o conhecimento que temos das actividades sociais de grande número de párocos espalhados de norte a sul. Não é verdadeiramente um plano geral. Não há voz de comando. São casos isolados, epopeias de amor do próximo. Nota-se o desejo de fazerem da sua paróquia uma família de Deus. Eles querem pôr a sua igreja ao serviço dos paroquianos e, coisa singular, todos quantos nos escrevem, batem infalivelmente a mesma tecla; a falta de habitação é fonte de miséria.

Como temos ultimamente falado a seminaristas com auto-rição superior, e como não é possível irmos a todos os seminários, que vá «O Gaiato». É preciso que o futuro sacerdote de tal forma se embeba do espírito social da Igreja e de tal forma seja instruído, que tome por um anacronismo aquilo que ainda hoje se faz na maioria das paróquias. Para já façam desaparecer da sua freguesia os chamados pobres da volta, que são aquelas multidões de dias certos e giros determinados. É a pedrinha organizada, consentida e cultivada. Ora isto é fácil para o pároco que vier. O que aumenta o número de pedintes é o número de freguesias donde eles procedem, mas em cada uma há poucos. O pároco pode estudar e agir. Esta medida não se chama negar a esmola, é antes dá-la bem. Em vez do tostão ao viandante, dá-se o que é preciso a um que verdadeiramente precisa. Ele é um membro vivo da família paroquial. A justiça fará o resto.

Isto vencido, vamos imedia-

tamente a outro sector; quero-me referir às crianças das escolas. É muito que ele vá ministrar doutrina, mas não é tudo. A criança está na idade e precisa de comer; e muitos não comem. Esta sorte de fome lenta sofrida naquela idade, vem a repercutir-se pela vida fora. O novo pároco, que já deve vir ferido dos seminários, ganha forças e escuta. Ele mesmo promove e move. O altar é o centro. O povo a roda. As crianças no meio. Aonde os filhos, aí os pais. Um caldinho quente ao meio dia e uma fatia de pão cozido.

Além das crianças e junto delas, pode vir igualmente comer o seu caldo os que não têm em casa de que o façam. Desta sorte e de uma maneira geral, o chefe espiritual daquela freguesia, pode chamar fim de um dia perfeito a hora que vai para o seu quarto de dormir. É isto todos os dias.

Esta preparação meditada e consentida, tem de ser a futura arma de combate na mão dos enviados pelos seus Bispos. Já se vê que isto não é tudo; é preciso que a paróquia tenha meios e possa responder à necessidade de cada um de seus filhos, mas o resto vem depois. Deus acrescenta.

Como isto de assistência paroquial é ainda hoje mais episódio do que facto estabelecido, segue-se que o novo pároco tem de sair das mãos do seu Bispo prevenido e munido contra naturais reparos. Há-de necessariamente encontrar resistência da parte dos homens da tradição. Que fazer? Resistir. A verdade vence.

de quem se dirige directamente depois de se haver dito aqui ser ele o encarregado. Quem assim procede coopera. Sem responsabilidade não há formação. Ou Manuel Jorge quere ser alguém e cumpre ou não quere e agora o mostra. Ontem chegou *Banana* do Porto cheio de dinheiro e mais encomendas. Eu estava e ouvi, quando ele pretendia entregar as coisas ao Senhor Padre Carlos: *vai entregar tudo ao Manuel Jorge*. Muito bem. Por *Banana*, já sabemos que ele é o assistente de tecelão. Vigia os teares e enche canelas. Também é vendedor; tem muitos e grandes fregueses que lhe dão prendas, a que chamam de anos, embora o rapaz só os faça uma vez em cada um. Também tem a obrigação de ir todos os meses dar a volta aos subscritores dos vicentinos do Lar do Porto, e receber as cotas, para o que se demora e fica no Lar dois dias. Por subscritores, aproveito para lembrar a estes bons senhores e boas senhoras, que não sejam fáceis em dar o dinheiro a qualquer um que se lhes apresente pois já tem acontecido ir cobrar por sua conta e risco o rapaz que já foi e hoje não é da obra...! Como sabe os cantos e costumes, sai-se bem. Não há pior ladrão do que o de casa. Ora muito bem. Cuidadinho. O barro de que os gaiatos são feitos é extremamente quebradiço. Mas voltemos ao *Banana*. Este chegou ontem do Porto, da volta aos subscritores e nas horas vagas, entrava nas lojas de pano crú a saber preços. Veio carregadinho de informações valiosas para conhecimento e governo do mestre dos teares. Ora quem quiser iniciativa, venha à Casa do Gaiato.

— x x —

Como já foi aqui dito, as obrigações especiais do domingo, aparecem em cartaz no sábado à noite, pregado na porta do refeitório. Nomes e obrigações, são encastoados nos mais esquisitos arabescos e desenhos representativos. Nada igual. Nada simétrico. O homem é assim. A incoerência é o seu natural modo de ser. O cartaz de ontem começava:

*Saudemos a radiosa primavera*

O papel era formado por uma árvore frondosa, de ramos e folhas bordadas, mostrando dentro de cada uma nomes e obrigações. Eu parei. Medi. Estava ali o retrato do desenhador tirado por ele mesmo. Não só os traços mas também e principalmente a ideia: *saudemos a radiosa primavera*. Isto é da alma. Espírito e matéria são obra de um só Criador. Eu tenho que para bem conhecer o homem é deixar ao moço a liberdade de escolher e de se pronunciar. As vezes um risco é uma definição.

— x x —

O meu refeiteiro perdeu um sapato mas não a serenidade. Tudo muito simples. Pé sim pé não e desta sorte me vem chamar e serve as refeições. Outras vezes o refeiteiro faz um barrete de papel e é com ele enfiado na cabeça que vem chamar o *senhor director*. De uma vez e com espanto da comunidade inteira,

# Mendigos

Continuação da  
primeira página

se fizeram profissionais. Temos de concordar, pois, que dar uma esmola a quem nos estende a mão nem sempre é obra de misericórdia. Pode, até, transformar-se num crime. Abrimos a mão, em vez de a fecharmos.

Temos de combater a mendicidade, mas resolvendo os seus múltiplos problemas. Proibir e prender, sem mais nada é desumano. Temos de nos vergar sobre o Pobre, não para mais o sobrecarregarmos, mas para o aliviarmos. Há que distinguir entre mendigos e mendigos. Há que desmascarar os falsos. É obra de misericórdia. Os que pedem e, podendo trabalhar, não querem. Os que não precisam, por terem. Restam-nos os que mendigam, por desempregados, para os quais não deve haver outra esmola, que dar-lhes trabalho, pago com justiça. Note-se que nem sempre dar trabalho é fazer caridade. Há campos regados com lágrimas de humildes que aí mourejam. Há edifícios argamassados com sangue de operários. Pirâmides de novos faraós, le-

vantados pelos fracos, pelos trabalhadores mal pagos, clamando pela justiça de Deus, que não falta, embora pareça tardar. Não pagar o salário justo a quem trabalha é um pecado contra o Espírito Santo.

Restam ainda os mendigos doentes, cuja maior caridade, é tratar-lhes da saúde, hospitalizando-os, rodeando-os de conforto exigido pela doença, amparando-os, até que possam, de novo, ocupar o seu lugar na vida. A paróquia a tratar dos seus doentes é um capítulo da Pastoral dos nossos dias. A Marinha Grande tem quase pronta a sua Casa do Doente que é, ao mesmo tempo, abrigo de todos os indigentes enfermos da freguesia e albergue dos incuráveis. Que outras terras lhe sigam o exemplo. Para os verdadeiramente necessitados, para os que sofrem, suprirá a Paróquia com a sua caridade organizada para a todos valer. É preciso acabar com a situação humilhante do Pobre, nosso irmão, a mendigar.

Padre Aires

## CALVÁRIO

(Continuação da prim. página)

ta-se à mesa e come. A porta estava aberta. Às vezes sucede que um doente que pode, não quer fazer a sua obriga-

Melo entra na capela à hora do terço, de barrete na cabeça! Há um ar de indignação colectiva. Do meio dos rapazes levanta-se um e põe as coisas no seu lugar. O caso foi aqui muito falado.

Ora no meio de todas estas, Melo aparece hoje com a testa entapada e chama: *está o jantar na mesa*. Antes de ir pergunto e soube tudo.

Foi o Russo. O Russo da cozinha. Ele é o chefe da dita e muito pouco para brincadeiras. Como quer que Russo se demorasse, Melo resolveu saber onde ele estava e saber a causa da demora. Russo por resposta atirou-lhe com uma soca. Resultado: algodão, mercuro-cromo, adesivo e acabou. Foi muito bem feito. Senhor Melo não tinha nada que ir espreitar. Aqui ninguém espreita.

— x x —

Eu agora não costumo ir pelas oficinas. Ando a fazer exercícios de desprendimento, para estar apto quando a hora chegar. Não tenho ido, mas hoje sim. A primeira foi a de ferreiro e antes não tivesse ali ido! É a forja. O Senhor engenheiro trocou o fole por uma ventoinha eléctrica. Amigo Areosa, ás da venda em Aveiro, dirige-se imediatamente à minha pessoa a esfregar as mãos de contente. Ele era o fole. *Agora é que é*, diz ele. *Nem calor, nem pó, nem nada*. Ora isto é um prejuízo do chamado progresso. O fole nasceu com a idade do ferro. Os grandes artistas de ferro de todos os tempos e lugares foram feitos a dar o fole. Começaram assim. Mas o senhor padre engenheiro afirma que todos devemos trabalhar hoje para um mundo melhor e começa por ventoinhas eléctricas.

ção. Que sucede? Nada. Espera-se que ele queira.

As vicentinas arranjaram um Lar em Lisboa para conseguir colocação aos já recuperados! Que esplendida e difícil missão a destas senhoras! Quanto não pode e aonde não chega o amor de Deus!

Mas há mais. As senhoras do Hospital do Rego não têm paz; elas aventuram-se a uma quinta por mil contos. Quê? Mil contos? E quem lhes deu tanto dinheiro, quem? Ninguém. O que elas praticam e como o fazem, basta. Aqueles mil e outros mil são fios de contas que elas vão rezando baixinho à maneira que caminham. São assim os «Calvários». Despesa e receita andam a par. O que importa é oferecer ao convalescente comida, roupa lavada e estas vicentinas vão mais longe; instalam-nos nas cidades e procuram colocação adequada. Ninguém faz melhor, por isso mesmo, ninguém tem direito a mais. «O Gaiato» manda aqui um xi do coração a cada uma. E até quando eu lá tornar.

**P.S.**—Aquele Uma Mãe Cristã diga qual o número da sua assinatura para se dar baixa; e saiba que o ouro foi aplicado como deseja e pela intenção que pede. Quere saber? A capela está concluída. Telha velha, pedra velha, vitrais de sabor antigo, risco dos primitivos mestres, quando se erguiam igrejas para rezar.

Temos recebido objectos de ouro. Ainda ontem no Porto alguém entregou ao Júlio uma pulseira.

## CHALES DE ORDINS

Eis Lagares da Beira: chegou hoje o chale; tanto eu como a pessoa a quem se destinava ficamos satisfeitas, tanto com a perfeição do fabrico como com o tamanho, e, até a cor, foi inteiramente a nosso gosto. Carrizado de Montenegro diz o mesmo. São chales de Ordins. De Moçambique—é já a segunda vez—que de África nos chegam pedidos de chales!

Um Missionário felicita pela maneira prática como resolveu atenuar o problema da pobreza na sua capelania e encomenda um de 110\$. O excedente será para a artezã, pedindo uma pequenina oração por minha Mãe e pela minha Missão de 161.000 almas. Dois amores: a mãe e as almas. O Missionário dá 140\$. A artezã um chale e orações. Porto um grande. Gaia um médio. É a segunda vez que esta vicentina nos bate à porta. Costei muito. Porto um de 110. Mais Porto um de 90. Ainda Porto, idem. Paço de Sousa um de 90. Admiro a sua obra para os desprotegidos. V. N. de Poiars com 70\$ um de 60. Lisboa com 100\$ um de 90. Ainda Lisboa um de 110 o dois de 90, com um magnífico excedente de 108\$, que tanto jeito nos faz. Do Colégio de S. Gonçalo de Amarante, dois de 90 e 30 de 60. É uma religiosa que aceita com satisfação o religioso encargo de propagandista dos chales. Castro Daire um de 110. Lisboa um de 90 e outro de 60 com 20\$ para despesas várias. É uma propagandista. Manique do Intendente: Envio um vale de 100\$ para fazer o favor de enviar à esposa que Deus me deu um chale de 90\$. Santo amor conjugal, que, desgrazadamente, não existe em muitos lares. Há instantes de fraqueza. Amores ilícitos que acorrem duas vidas. Porque não quebrar os grilhões do pecado? Muitos dormem no sono da morte. Só Deus pode unir marido e esposa. E o que Deus uniu o homem não o separe. O propagandista de Valado de Frades aparece, de novo, com dois de 110. Lisboa um de 60 com 70\$ na mão. Como cristã que sou não posso deixar de acorrer à chamada dos chales de Ordins. Peço a Deus para vos amparar na vossa misericordiosa obra. Cadaval com 70\$ um de 60. Lisboa faz o mesmo. Porto um de 90, tendo enviado 100. Lisboa com 130\$ quer um de 110. Do Liceu Pedro Nunes, ainda de Lisboa, com 100\$ um de 90. Setúbal envia 120\$ para um de 110, desejando que essa feliz ideia dê os melhores frutos. S. Pedro do Sul dois de 90. Fozcoia um dos grandes. A propagandista de Vilar do Pinheiro aparece com três de 90 e um de 60. Lousã um de 60 com 70\$ na mão. Lisboa um de 110 com 150\$ na mão. Até no pagar, se conhece a capital. Vi-seu um médio. Pocariça um grande com 130\$. E os subejos aplicará da melhor forma que entender. Vidigueira recebeu seu chalinho branco e escreve: fiquei satisfeita. Daí mais um de 60 e dois de 90. O Lar do Gaiato de Coimbra um de 60. Lisboa com 120, um dos grandes. Matozinhos um pequeno.

No antigo casebre, não era nada fácil notar à primeira vista o desgaste causado nos seus habitantes pela tuberculose. A meia luz impedia. Hoje, porém, com as casas do Património dos Pobres, tudo mudou de figura. A vista das coisas é rápida e total. Podemos contar rugas e ossos. Já não há cacos nem farrapos a encobrir. O mau cheiro desapareceu. As janelas deixam entrar o sol. Um novo mundo. Temos então que estas casas são um mal? Não. Não são. Mostram-no.

É pena, mesmo muita pena, que logo de entrada, estas casas sofram a mancha dos seus primeiros habitantes. Ninguém com certeza mais sofre do que os párocos e vicentinos que as estão erguendo com tanto carinho por Portugal além. Eles são testemunha dum facto que não podem remediar. Dentro das cidades e próximo destas, podemos tomar por regra que todos os chamados, são sujeitos da doença. Conheço casos onde é toda a família! Topo muitas vezes e em muitos lugares crianças deitadas na cama, à espera que venham por elas para os sanatórios. De forma que, se fôssemos a pedir exame rigoroso e tentássemos impedir a entrada, teríamos muitas casas fechadas e mais tugúrios com mais gente. Este é o panorama social dos nossos dias.

Aqui há tempos dirigi-me a um pequeno núcleo de residências dos vicentinos da Foz do Douro, a ver se já estava colocada em

## Nota da Quinzena

uma delas, certa placa pela qual muito me interessa. Gosto destas casas justamente por terem sido construídas ao pé doutras. A palavra do Apóstolo teve sempre o mesmo sentido, mas a verdade é que muita gente ainda gosta de ver os pobres aqui e os ricos acolá. Pois estas de que falo são misturadas. Deus ajude os vicentinos da Foz.

Entre numa delas casualmente. Uma mulher ainda nova disse o meu marido está na cama, enquanto me aponta o quarto. Num instante vi os ossos mais as rugas... Era o Bernardino. Esperou quatro anos pelo dia da chamada e no fim de quinze dias regressou do sanatório; ele ia pronto! Naquela hora pouco falamos, mas não tardou que não voltasse. Deixei-o ocupado com um balão de oxigénio e ora venho encontrá-lo da mesma sorte com outro. É uma senhora que os dá, informou sua mulher. A casa é um brinco. A mãe entra noutros quartos onde estão crianças a dormir. Tenho tudo apartado. Intimamente dei graças ao Pai Celeste por aquela mãe cuidadosa saber, querer e ter onde apartar pessoas e coisas. A salinha de entrada é um primor. Para maior riqueza, entra uma rapariga que me diz ser vicentina dum colégio ali perto. Traz um cestinho de vime donde tira géneros e pão. A mãe recebe em silêncio e coloca dentro dum armário de irrepreensível asseio.

A moça vicentina. A mãe. A caridade que se traduz por amor e dentro, no quarto, o sacrifício espiatório dum Inocente. Oh Beleza Inerida!

No dia seguinte tornei. Não havia balão de oxigénio. A senhora que os dava chegou a quatrocentos escudos e não pode mais. Baixei os olhos e tornei a dar graças ao Pai Celeste. Quem teria sido esta que queimou o último cartucho,—amando! Como andam recatados os grandes valores do mundo! A aflicção do doente era incrível. Foi-se buscar mais um. Entrementes pergunto à mulher que meios tem para viver e o marido responde imediatamente: temos esta casinha de graça. Uma canonização da doutrina do Património dos Pobres! Regresso e um dia depois recebo um postal que terminava com um por amor a Deus e aos pobres e assinava-se um vicentino em letra pequena. No corpo dizia o Senhor Bernardino Falcão que ontem visitou na Foz do Douro foi chamado às sete e trinta. Cada vez quero mais aos vicentinos! A sua linguagem é diferente. Não usam nome e dão senhoria aos seus pobres: o Senhor Bernardino Falcão. Não falam da morte; vão direitos às realidades eternas: foi chamado.

Se a certidão de óbito não diz, digo eu que ele fora um metalúrgico com dignidade de pai e chefe de família legalmente constituída.

Que não obstante e enquanto esperou vez, do sanatório, conheceu os horrores da fome no estômago dos seus filhos e sentiu os tormentos da barraca. Um homem novo!

Aquele seu impressionante e repetido Oh meu Jesus! com que se despediu do mundo, é uma condenação do mundo! Eu sou testemunha.

Que haja falhado ou sido mal interpretada a doutrina social que o devia ter amparado, ficava de pé o seu nome português, nascido de pais portugueses, inscrito nos registos da Nação e também no livro do batismo. Ficava e fiea. Outra condenação!

Vai vindo o tempo quente. Todavia, ninguém dirá que tem esmorecido o entusiasmo pelos chales de Ordins. Não obstante, tive hoje de dizer que não a uma rapariga que me procurou. Eu também queria fazer chales. Sendo já 19 as artezãs e não havendo, por vezes, trabalho, não vale a pena admitir mais. Acabando o inverno, é bom que se pense no próximo e se faça já uma encomenda-zinha. Além disso, é preciso que os chales para recém-nas-

eidos tenham maior saída. Peçam-nos em branco, beije, cor de rosa e azul-bébé. E, se são nossos amigos, nunca peçam à cobrança. Mandem sempre os vales para a Conferência de S. Vicente de Paulo de Ordins —Paço de Sousa.

Padre Aires

COLABORAI NA  
CAMPANHA DOS  
CINQUENTA MIL

Visado pela  
Comissão de Censura

# Pelas Casas do Gaiato

## PAÇO DE SOUSA

— Livros. Começamos a imprimir o anunciado «Doutrina». Já saíram algumas folhas. Contamos ser mais breves do que nos anteriores, pois a Inter-type já é uma grande ajuda. As oficinas gráficas estão com um movimento muito apreciável. Júlio anda numa roda viva. Nem sabe para que lado é que se há-de virar. Composição à pinha com jornais, obras de livro, trabalhos comerciais. A encadernação na mesma e os impressores não têm mãos a medir. O Neca, o Tino, o António, os Martins, *Mel da Eirinhas*, *Relhos*, nem podem olhar para o lado.

Estão todos de parabéns: Pai Américo que escreve, o governo, pelo gosto apurado que está tendo, todo o público em geral que lê e de quem dependem os nossos êxitos e a paz da das oficinas gráficas, que tem sido incansável para apresentar bom trabalho. Isto, evidentemente, no que respeita ao aspecto gráfico.

Vamos também reimprimir o livro «VIAGENS», está completamente esgotado e muita gente ainda faz barulho. Só para a campanha contra o Analfabetismo foram nada mais nada menos de quinhentos.

— Foi operado com êxito ao apêndice, no hospital de Penafiel o nosso colega Abel Augusto. Decorreu tudo da melhor maneira e é de crer que dentro de pouco tempo estará fino, para seu bem e de toda a nossa grande família. Quando estiver já deve ter que contar e por certo não faltará a gabarolice: *Eu é que sou valente. Nem era preciso anestesiá-lo. Não sou um fraquito como vós.* Mas na altura tenho a firme certeza que não queria paleio. Estava mas é a pensar que estava do outro lado da ponte!...

O José Teixeira, que sofreu uma intervenção a uma hérnia, encontra-se no hospital da aldeia. Já está pronto para outra...

— Num destes domingos, *Peiroteu* mal-lo seu grupo, escapou ao piquete de serviço, bula debaixo do braço e toca a caminho da Salgadilha, onde os esperavam os seus compadres, para um renhido encontro de futebol. Mas como estes não tivessem aparecido, foram rumo a S. Lourenço, a ver se pegava um desafiozinho. Como as coisas não se ajustaram, resolveram por unanimidade ir às laranjas. Os vizinhos é que não apreciaram lá muito a festa e pouco faltou para os cumprimentar de marmeleiro. Isso é que eles eram finos se assim procediam, pois assim não haveriam destes encontros tão miude. Os campeões são além do *Peiroteu*, o *Mário da Casa dos Pobres*, o *Braga*, *Lisboeta*. Exibiram-se em casa do Senhor Antoninho o Luís Augusto, *Zé Bolas*, com «assistência» de *Tira-Olhos* e *Faisca*. Por fim no refeitório, com assistência de todos, do chefe e da cana do *Sejaquim!*...

— O rádio da Casa três está estragado. Já se encontra assim há que tempos. Na reunião de chefes houve grande refilice. *Que não havia direito. Não fazer caso da telefonía e outras casas sem nunca terem nenhuma.* Enfim, nunca acabar de coisas. E têm razão. Pois se todos somos irmãos. Quem pode pôr termo a estas coisas todas são os nossos milhares de leitores. Podiam fazer-se *bravos* e toca de mandar uns poucos. Assim ficamos todos por igual. Não haverão «pegas». Viva a alegria! Vivam os senhores que vão cair! Música para todos.

Tem a palavra o leitor. Todas as casas esperam o tempo que for preciso, na certeza de que serão atendidas.

DANIEL BORGES DA SILVA

## BEIRE

Como há duas quinzenas não escrevia, venho agora dizer-lhes que fiquei muito contente com aquela roupita que aquela senhora de Lisboa nos mandou e que muito jeito fez à pobrezinha. Por isso, a essa senhora muito obrigado e que Deus lhe dê muitos anos de vida são os meus votos e os dos pobres. Tanta miséria há por aqui e nós a socorrê-la.

— Está a chegar a Páscoa e nós já fizemos a nossa desobriga em ígrja de Beire. Almas limpinhas, almas de Deus porque do Deus se recebe tudo e sem

Deus não somos nada. Por isso lembrem-nos do Pai que nos concede muitas graças.

— Acabaram as obras da nossa avenida, por isso os senhores já podem cá vir, mas ainda deixamos um bocadito de terreno que é para flores. Já temos algumas mas ainda nos faltam muitas, porque a avenida é muito grande, e por isso a esses senhores que tenham casas de sementes pedimos, bolbos, roseiras e várias espécies de flores que os senhores possam dispensar. E por isso lembrem-se de nós e dos nossos pobres que por pequena ajuda que seja eles já se contentam. Por isso não se esqueçam. É só mandar para a Casa do Gaiato de Beire—Paredes e eu cá receber.

SERAFIM EMANUEL

## LAR DO PORTO

— Fizemos no passado Domingo a nossa desobriga, juntamente com os jocistas do Bonfim. Quem nos preparou foi um senhor padre da Ordem dos Beneditinos de Singeverga. Começamos a ir ouvir este bom sacerdote na quarta e terminou na sexta. Sábado foram as confissões e no domingo as comunhões. Já cumprimos assim o mandamento da Santa Madre Igreja; confessar-se ao menos uma vez cada ano e comungar pela Páscoa da Ressurreição.

— Estamos muitos contentes com os nossos novos chefes, pois estes estão a corresponder à confiança que depositamos neles. Tudo se resolve sempre bem e quando surgem algumas dificuldades, na próxima reunião serão discutidas em frente do Senhor Padre Carlos. Desejamos muito que isto continue sempre assim.

— Veio já há bastante tempo de Paço de Sousa o Joaquim Carpinheiro que veio para cá estagiar na sua profissão, para ser talvez o futuro mestre dos carpinteiros na nossa aldeia. Estimamos que tal aconteça e que acabe depressa para ir ensinar outros.

Já veio também no princípio do mês o Roi com as mesmas ideias mas serralleiro em vez de carpinteiro. Está a trabalhar na Boavista; portanto os senhores façam o favor de irem encomendando essas lanternas, mesas, bengaleiros, portões, etc., para quando ele lá chegar ter que fazer.

— Foram também três dos nossos irmãos embora por estarem já a ganhar o suficiente e por poderem dar o lugar a outros. A estes nossos irmãos felicidades, e que nunca esqueçam os bons princípios que aprenderam cá dentro.

— Começaram os peditórios nesta cidade o Património dos Pobres. A primeira porta que nós batemos foi à igreja dos Congregados, que rendeu talvez um nadinha mais do que o ano passado, pois rendeu 8.400\$. A seguir não sei ainda onde iremos mas os senhores nordenbos, não se esqueçam de ir para a missa prevenidos, pois nós quando o Senhor Padre Carlos acaba de falar, vamos com a saca nas mãos a ver quem arranja mais.

Esta grande obra do Património precisa de ser muito acarinhada principalmente por todos os portuenses, para ver se fazemos outro bairro igual ao de Miragaia; a questão é chegarmos-lhe fogo para que este se acendeie, mas sem o fogo principal não pode ir muito longe.

— Os nossos agradecimentos de hoje vão para a Casa Esmeriz que nos concedeu a dádiva de duas raquetes e meia dúzia de bolas de ping-pong, e uma bola de futebol. Estávamos sem entretenimentos dentro da casa mas com o ping-pong animou-nos muito e no recreio há sempre discussão por causa dos primeiros a jogar. A estes Senhores um muito obrigado e quando houver qualquer coisa o nosso telefone é o 21352.

— Precísávamos agora numa equipa porque a nossa que nós tínhamos já está pequena. Como era à Porto, agradecemos aos portuenses ver se nos podiam oferecer uma, visto que o Porto este ano vai ganhar o campeonato nacional.

O treinador do Porto disse: que quando ganhasse em Lisboa era sempre uma bola para os rapazes da Casa Pia; e, se dissesse agora que era

uma equipa para nós por ter ganho o Campeonato?!...

E agora já que falo de futebol se os leitores permitirem envio daqui os parabéns à minha querida «briosa» pelas vitórias sobre o Braga e o Benfica no campeonato nacional.

Por hoje mais nada, cumprimentos do vosso dedicado cronista,

João Luciano (Buarcos)

## TOJAL

— Em virtude do nosso amigo Rocha ter ido para o Lar de Lisboa, fiquei eu no lugar dele, como cronista da nossa casa.

Ora como estouv já há anos a viver no Casal Agrícola, pertinho da criação e da lavoura, quero começar por dizer como vão por ali as coisas, tanto mais que pouco se tem dito a tal respeito.

Devido às geadas do mês de Fevereiro tivemos alguns prejuízos não muito grandes mas que são de assinalar.

As laranjeiras estão todas queimadas e com grande pena nossa porque para o ano não temos laranjas; se os senhores fossem capazes de no-las mandar?!

O faval está recompondo-se e o trigo crescendo, mas se não fosse a geada tudo estaria melhor. Enfim contentemo-nos com aquilo que Deus nos quiser mandar. Esperamos também boa apanha de batata que já está semeada.

Se os senhores por aqui estiverem não deixem de visitar os animais. É um regalo velhos.

As galinhas com o milho que lhes temos dado, a toda a hora cantam anunciando mais um ovo.

Os coelhos são já tantos que mal cabem nas coelheiras mas os gaiatos não são para atrapaalhagens: não cabem nas coelheiras chega a panela.

As vacas e as vitelas são um encanto.

— As oficinas novas estão em acabamento; com mais uns retoques fica tudo pronto.

— Mal o tempo arribou começaram logo as excursões. Esteve aqui uma da Graça, outra de S. Sebastião, e ainda as seminaristas dos Olivais que vieram dar uns dias alegres à malta.

— O nosso campo de futebol transformou-se em campo de trabalhos e está a tomar um novo aspecto.

Por este andar pode servir para jogos internacionais. Pena é que não tenhamos bola, mas aguardamos que venham muitas para a inauguração.

OSCAR MANUEL

## AQUI, LISBOA! (Continuação da seg. página)

promoção do marido. Têm graça estas promessas que noutros tempos se faziam a santos milagheiros e agora ao lixo da rua. Dum modesto operário que aqui vem trazer, de tempos a tempos, a percentagem do seu magro ordenado 63\$50 e trinta dum outro de lucros que não esperava; 50 a um Gaiato; mil de visitantes que vêm desobrigar-se; 500 e 500 doutro, certinho todos os anos. 100 dum doente da Horta para o Calvário, e 2\$50 duma pequenina da mesma cidade, para os batatas desta casa, e uma caixa de tabaco de Ponta Delgada, distribuída pelos doentes das Catacumbas do Hospital do Desterro em maré alta de alegria! E foi tudo quanto trouxe dos Açores, além de muitas bênçãos que não são da conta dos nossos leitores.

100 para uma quinta telha; 200 da rua Oliveira Ramos; 70 em vale; mais mil para a casa de S. António; 300 para o Calvário; 210 do primeiro ordenado; 250 dum Emp. bancário; 100 e 500 à nossa passagem por Leiria; 100 relativo ao mês de Março. Mais uma remessa de bilhetes dos «Capristanos» para a venda do Gaiato nas Caldas da Rainha. Bem haja a Empresa. Finalmente 4 preciosas listas de donativos depositados no Montepio de numerosos assinantes que ali vão fazer a sua desobriga. São tantos e tais que não é fácil listar. No Tojal mais um dia de trabalho dum tractor e sementes. Duas sacas de batatas de Benfca, mobílias e roupas e calçado de diversas proveniências. 400 dum Engenheiro e muitas declarações de ternura para com os nossos pequenitos, na venda do jornal, nos peditórios das igrejas, nas visitas a esta casa, nas orações que muitos fazem subir por nós ao trono de Deus.

Que Ele a todos veja, atenda e retribua.

Padre Adriano

## Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Da assinante 8.058, 20\$ para ajuda dos remédios que derem aos doentes, pois como sou uma pobre doente gosto que seja para aliviar o sofrimento dos que como eu sofrem. Maria Perpétua Santos, igual quantia. António Batista Sousa, idem. Assinante 12.322, idem. Assinante 1.094, idem. Assinante 25.515, idem. Assinante 31.414, 10\$. Assinante 7.758, idem. Um anónimo, idem. Um assinante de Coimbra, idem. Belmiro Valente, 50\$. Assinante 17.164, idem. Assinante 6.981, idem. Assinante. 9.532, 30\$. Maria Theresa, 40\$. Lucas Lourenço Silva, 50\$. Da prima do nosso Candido Pereira, 70\$, produto da venda duma volta de ouro.

Júlio Mendes

## Venda do jornal no Porto

Somos 12 os rapazes que circulamos nas ruas da cidade do Porto o bem alto gritamos o famoso Gaiato. Temos horas marcadas para levar os jornais aos fregueses habituais que é o que nos vale. Portanto peço que atendam mais as doze vezes que é uma só— «O Gaiato».

Em Braga o número de jornais que se costumava vender, baixou. Era eu só que aí vendia; julguei que a causa seria de eu não poder correr a cidade toda, pedi um auxílio, fui atendido, mas não deu resultado. Por isso peço aos meus caros amigos leitores de Braga que não se esqueçam de comprar sempre o Gaiato.

Numa secção dos Correios da Batalha deram-me uma prendas de anos que foi uma camisola de seda branca, mas coisa boa; desde já agradeço a essa secção. Como nenhum de nós não tem nada para dar aos fregueses, ao menos pedimos a Nosso Senhor por toda a gente.

Quem lê «O Gaiato» não deve deixar de ler o artigo que lhe possibilita fazer comércio com a nossa oficina de tecelagem à qual já acorreram os nossos amigos do Banco Pinto & Sotto Mayor. Estamos-lhes imensamente gratos pela propaganda que fazem aos nossos magníficos tecidos.

Queiram todos receber os estimados cumprimentos do atencioso amigo,

BANANA

## Setúbal

A chegada de visitantes às nossas casas é sempre um motivo de muita alegria e muita ternura.

Não há método para transformar o lixo em homens de consciência como o amor. O rapaz quando se sente amado opera maravilhas.

Ainda há dias um deles me dizia: «Se eu não tivesse tantos amigos queria ver o que era agora de mim».

E nós somos testemunhas disso. Este pequeno sente a responsabilidade do carinho que lhe têm. Ainda ontem um senhor lhe deu 100\$ por um jornal e outro senhor no dia seguinte deu-lhe 20\$.

Nós, através dos vendedores avaliamos a força deste amor.

Visitou-nos há pouco um senhor e uma senhora já idosos. Era sábado à hora do banho. Estavam os mais pequenitos a tomá-lo. Era água fria, porque ainda a não temos quente. A

senhora condoi-se com o gritar deles. Pousa a carteira em cima duma cama, pega numa toalha e começa a enxugar. Depois toma as roupinhas lavadas e passadas e veste-os. Eles muito contentes e a senhora ainda mais. Sabe ser mãe. Entregaram alguma coisa ao cicerone e retiraram-se. Deram por muito feliz aquela hora que passaram no meio de nós e fizeram-se assinantes do nosso jornal.

No domingo passado vieram Quatro Irmãos do Hospital. Tinha lá estado internado um dos nossos. Vieram vê-lo. Tinham-no tratado com tanto carinho!... Ele era tão bom rapaz!...

Veio também uma visinha, que já tem vindo mais vezes e trouxe um grande cesto de laranjas e tangerinas.

A noite, quando chegamos, não se falava noutra coisa. Que Deus dê saúde a seu marido.

Apareceu também uma senhora a entregar 50 duma promessa e 60 a pedir duas missas.

O Governo Civil de Setúbal entregou-nos 500 e o de Beja 200! Um senhor que não se cansa de fazer bem em Setúbal compra três cobertores e deixou-os no armazém Fomento do Sado à nossa disposição. Um amigo nosso, muito conhecido em toda a parte, não nos podendo este ano ceder um pinhal, que costumava entregar-nos em dinheiro o valor da resina e pede-nos que todos os anos mandemos receber a sua casa. Não contávamos com tal gesto e ficámos silenciosos.

Estamos na região de grandes proprietários e lavradores de Portugal. Poucos ainda deram fé da nossa presença no meio deles. Muito mais do que a nossa presença, nós queremos que vejam Deus no pequenino vádio abandonado que nós abrigamos. Queremos acima de tudo ser uma bênção para o rico a que estendemos a mão. A nossa mão estendida, será para eles, se quiserem, a porta de que o Pai do Céu se serve para os chamar a Sua Casa. Assim todos saibam ver e compreender.

Padre Horácio